

FHC - 4

# No discurso, alerta para "um ano de dureza"

A criação do ministério, segundo feniniu o presidente Fernando Henrique Cardoso, atende as necessidades da virada do século, em que as fontes dos conflitos internacionais não são mais as disputas de fronteiras e nem diferenças ideológicas, "mas a guerra pelo emprego". Por isso resta aos países modernos recriar as condições para assegurar um crescimento rápido e sustentado, condição que considera indispensável para a geração de emprego e maior distribuição de riqueza. "Não nos falta coragem para enfrentar as dificuldades transitórias pelas quais estamos passando". E concluiu com uma frase que ouviu do vice-presidente, Marco Maciel, que também participou da solenidade: "O otimista - eu sou, ele também é, aqui a maioria é - às vezes erra. O pessimis-

ta começa errando".

Fernando Henrique reconheceu que o próximo ano será muito difícil para todos. "Faremos as reformas, não haverá descaso com a indústria nacional e vamos combater o déficit fiscal custe o que custar, com suor e lágrimas e espero que sem sangue, especialmente o meu. Dói cortar gastos, especialmente em áreas essenciais para o País, mas que ninguém duvide que faremos o necessário para o ajuste. Não prometo agora, como não prometi em setembro, um ano de facilidades. Será um ano de dureza. A razão impõe o ajuste fiscal e o Executivo não vai vacilar".

O País, segundo ele, saiu da inércia diante da inflação, deixou de ser "apenas clientelista" e passou a existir como "uma força ativa". Nesta transição para uma economia mais com-

petitiva, disse o Presidente, alguns empresários "ficaram desamparados". Mas quem hoje questionar a abertura de fronteiras, o fim do protecionismo e dos subsídios, "já morreu" e não sabe. Para competir, Fernando Henrique reconhece que o País tem condições menos favoráveis do que os outros e luta contra estes obstáculos diariamente. "Aqui os juros são mais altos, os encargos mais elevados, o sistema tributário perverso e a infra-estrutura ainda inadequada".

Ainda no encontro com os empresários, o Presidente criticou a atuação dos aliados no Congresso Nacional e fez um apelo à sociedade para que participe das decisões. Estas votações, segundo ele, parecem "uma luta de gladiadores" que a sociedade assiste a distância e faz sinal de positi-

vo ou negativo, como acontecia nos espetáculos na Grécia antiga para determinar a morte ou não dos lutadores.

Fernando Henrique disse que ficou muito feliz com a conversa que teve com o presidente de honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, na semana passada. É necessário, na sua opinião, que as diferenças não signifiquem "obstáculos, mas que resolver os problemas do País em tempos de crise. "A democracia implica nisso. E isso é a tolerância. É fácil, sendo presidente, convidar alguém. Mais difícil é, não sendo Presidente, sendo derrotado, aceitar o convite", disse. Segundo ele, houve críticas a este encontro, mas mesmo não havendo convergência política o diálogo é essencial para que o País avance. (M.G.)